

PRECONCEITO LINGUÍSTICO: FACEBOOK & PRESCRITIVISMO

André Poltronieri Santos¹ Valter Pereira Romano²

¹ Graduando em Letras; Centro Universitário de Itajubá; a-polt@hotmail.com. ² Doutor em Estudos da Linguagem. Professor do curso de Letras do Centro Universitário de Itaubá. valter.romano@fepi.br

RESUMO

O preconceito linguístico (PL) é uma forma de preconceito aparentemente direcionado a produções linguísticas estigmatizadas. No entanto, uma vez que a língua é constitutiva da identidade do indivíduo, o PL configura-se como um preconceito essencialmente social. A mídia tem sido uma grande propagadora do PL, tanto na televisão, jornal, e, hoje em dia, principalmente, na internet, por meio da divulgação de conteúdos normativo-prescritivistas disfarçados de Língua Portuguesa. Este trabalho busca constatar a existência de PL em uma página de relativamente grande proporção e divulgação na rede social Facebook e, apoiando-se em bibliografia adequada, evidenciar o autoritarismo e preconceito veiculados pelas postagens e apreendidos por seus seguidores. São sugeridas reflexões sobre “língua portuguesa”, “norma-padrão” e a falsa equivalência que a página constrói entre esses dois termos.

Palavras-chave: Preconceito Linguístico. Prescritivismo gramatical. Facebook.

INTRODUÇÃO

Uma vez que o PL ainda não é amplamente identificado pela população brasileira como um problema essencialmente social, torna-se muito difícil combatê-lo. POSSENTI (2012), Linguistas tem se dedicado a denunciá-lo e mostrar como ele perpassa a população despercebidamente, disfarçado de “língua portuguesa”. BAGNO (2010), Martins et al (2014) dialoga consoante com a intenção de desconstruir a falsa equivalência entre “língua” e “norma-padrão”, divulgada pela página.

Este trabalho busca constatar a existência de PL em uma página de relativamente grande proporção e divulgação na rede social Facebook e, apoiando-se em bibliografia adequada, evidenciar o autoritarismo e preconceito veiculados pelas postagens e apreendidos por seus seguidores.

MATERIAL E MÉTODOS

A internet é um meio de propagação extremamente rápida de informações, especialmente em redes sociais. O ambiente virtual escolhido como objeto de investigação foi uma página do Facebook, seguida por mais de 1 milhão de usuários. Na página em questão (criada por uma professora de língua portuguesa) são veiculadas prescrições da gramática tradicional. Os seguidores da página, por sua vez, demonstram claramente intolerância e julgam negativamente as

pessoas que cometem os “crimes contra a língua”, revelando (inconscientemente) o sucesso da ideologia por eles apreendida. Foram analisadas algumas postagens dos meses de maio a agosto, tecendo-se comentários sobre as postagens e as observações feitas pelos leitores da página.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O padrão de língua prescrito insistentemente pela página é essencialmente ideológico, uma vez que absolutamente nada interno à língua explicaria as prescrições da página serem “corretas”, “bonitas” em relação às formas “erradas”, “feias”, como mostrado por Cyranka (2014, p. 136): “Do ponto de vista do sistema linguístico [...] não há argumento que sustente essa posição, a não ser que se considere [...] que os falantes nativos não têm intuição linguística.” As postagens reiteram, sem qualquer embasamento científico, que os brasileiros são incapazes de falar sua língua, que a padronização da língua é fundamental para seu “bom uso”, o que também é desmistificado, como sugere James Milroy (apud Cyranka, 2014, p. 136), ao “sairmos por um momento do campo da linguística: não é sensato aplicar a noção de prestígio a conjuntos de tomadas elétricas, por exemplo, embora elas sejam obviamente padronizadas”. O linguista prossegue: “e diversas coisas que não são padronizadas, como ternos feitos sob medida, podem de fato ser aquelas que adquirem o mais elevado prestígio.” Isso comprova que o prestígio não é atribuído à

padronização da língua, mas ao prestígio *social* do próprio falante.



Figura 1: Publicação 31 mai. 2015
Fonte: <http://www.facebook.com/linguaportuguesa07>



Figura 2: Publicação 29 jun. 2015
Fonte: <http://www.facebook.com/linguaportuguesa07>

Futuro do Subjuntivo	
ERRADO	CERTO
Quando o professor <i>manter</i> ...	mantiver
Quando o funcionário <i>repor</i> ...	repuser
Quando a médica <i>ver</i> ...	vir
Quando a diretora <i>querer</i> ...	quiser
Quando o meu pai <i>fazer</i> ...	fizer
Quando o aluno <i>vir</i> ...	vier

Figura 3: Publicação 10 jul. 2015
Fonte: <http://www.facebook.com/linguaportuguesa07>

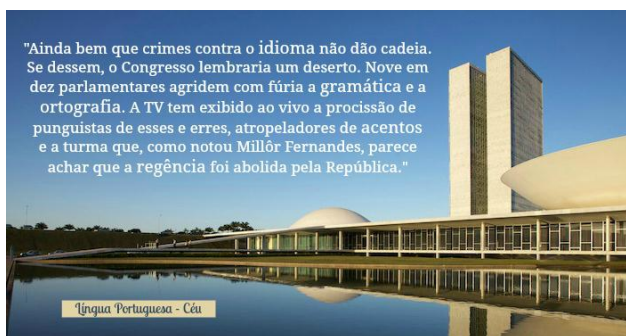


Figura 4: Publicação 17 ago. 2015
Fonte: <http://www.facebook.com/linguaportuguesa07>

As publicações da página trazem conceitos equivocados acerca da língua, prescrições

que desvalorizam a gramática internalizada e preconceitos encobertos de comicidade, como pode ser visto nas figuras.

CONCLUSÕES

Verificou-se que a página “Lingua Portuguesa” constrói preconceitos e falsas ideias sobre o vernáculo de seus leitores. Várias postagens prescrevem usos “corretos” norteados puramente pela gramática tradicional, pelo padrão de língua e, além disso, trata indiferentemente “língua portuguesa” e “norma-padrão”. As reflexões e argumentos disponibilizados no artigo levam o leitor a avaliar a veracidade dessa norma-padrão camuflada pelo rótulo de “língua portuguesa” ser a legítima língua dos brasileiros.

REFERÊNCIAS

BAGNO, M. **A Norma Oculta: língua & poder na sociedade brasileira.** São Paulo: Parábola, 2010.

CYRANKA, L. Avaliação das variantes: atitudes e crenças em sala de aula. In: Martins et alii (orgs.). **Ensino de português e Sociolinguística.** 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2014.

POSSENTI, S. **Por que (não) ensinar gramática na escola.** 2ª ed. São Paulo: Mercado de Letras, 2012.